REFLEXÕES SÔBRE ALGUNS PROBLEMAS ATUAIS DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

NURIA CORTADA DE KOHAN

"... Grande pitié: Rien de pire d'entrer dans la vie sans une vocation forte (Rien — si ce n'est d'entrer dans la vie avec une fausse vocation)..."
Roger Martin du Gard, les Thibault.

Trataremos, nesta primeira apresentação do tema, de dar uma visão geral, panorâmica, dos problemas que concentram o interêsse contemporâneo na orientação vocacional e profissional.

Consideramos ponto pacífico a sua importância adquirida através de um rápido e frutífero desenvolvimento, desde as primeiras tentativas para dar-lhe validade científica, girando em tôrno das figuras destacadas de Munsterberg, Décroly, Parsons, Lahy, Baumgarten e Mira, para citar apenas alguns. Êsses esforços continuados do início do século, modificados e ramificados por inumeráveis discípulos e pesquisadores mais ou menos originais, constituem um extenso conjunto de ricas expressões, devido à sua grande diversidade. Atualmente, a atividade orientadora se concretiza através de inúmeros centros de orientação profissional, institutos psicotécnicos, departamentos de orientação vocacional e educativa, institutos de relações públicas e de trabalho que, com diferentes nomes, mas com fins muito semelhantes, fornecem assistência, informação profissional e ocupacional aos aspectos educativos, vocacionais e de trabalho da maioria dos países do mundo. Êsses centros representam uma instituição social moderna, cada vez mais indispensável e têm o mérito de terem sido os primeiros a defender o *status* profissional do psicólogo. Com efeito, ao ter existência com reconhecimento público, em muitos casos antes mesmo que a própria profissão de psicólogo, contribuíram em larga escala para a difusão e a aceitação *de facto* dessa atividade.

Apesar de ser um campo de trabalho da Psicologia Aplicada, a orientação tem o caráter de supor sem dúvida alguma, em quem a pratique, uma perspectiva interdisciplinar. Através dela, o psicólogo que faz orientação vocacional

(*) Trabalho apresentado como relatório oficial na Comissão de Orientação Profissional do VIII Congresso Interamericano de Psicologia. Tradução de Malca D. Beider.

não pode enclausurar-se em teorias estreitas, nem limitar-se exclusivamente ao estudo pessoal do indivíduo que considere. Pelo contrário, sua tarefa para ser eficiente obriga-o a estar atento a uma série de fatos de ordem social, educativa, econômica, antropológica, biológica e mesmo de ordem legal, histórica, geográfica e política.

Na verdade, a pessoa que devemos orientar ou melhor ajudar a orientar-se, é resultado da interação de uma série de fatôres interpessoais e ambientais. É inútil e estéril querer compreender e ajudar ao jovem que se debate para eleger uma profissão, em nosso país em 1963, com argumentos de fria lógica livresca, exames com aparelhos eletrônicos, teorias elaboradas em ambientes diferentes e conselhos de segunda mão, pois só o contrato cálido da comunicação e o sentimento de estar com alguém que vive e se desenvolve dentro de circunstâncias semelhantes, que suporta as mesmas pressões, e tenha passado por frustrações parecidas, sentindo idênticas nostalgias, pode prestar com alguma probabilidade de ser realmente ouvido, o assessoramento e o conselho, direto ou indireto, que a Orientação pressupõe.

Propondo-nos a examinar quais os problemas que se apresentam na Orientação vocacional, referimo-nos a fatos concretos e específicos de investigação e estudo, dentro de sua especialização, coisa que cremos corresponda às considerações que se seguem. O que desejamos fazer é assinalar a importância que se dá atualmente e o tipo de atenção e tratamento que se deve dar a todos os problemas que em geral têm figurado e continuarão a figurar como escopo da Orientação profissional. Podemos caracterizá-los, operacionalmente, como respostas às seguintes perguntas básicas:

— *Quem* deve fazer Orientação vocacional?

— *A quem* deve dirigir-se ou beneficiar a Orientação?

— *Onde* realizar a Orientação?

— *Qual* o momento adequado para praticar eficazmente o trabalho da Orientação?

— *Como* realizar a Orientação, através de que meios, caminhos, métodos, técnicas ou recursos para bons resultados?

E, finalmente, depois dessa descrição funcional da tarefa, caberá perguntar:

— *Que* é Orientação profissional, do ponto de vista conceitual?

— *Quais* os seus fins e objetivos mediatos e imediatos?

— Até que ponto é importante a divulgação da técnica e do desenvolvimento da Orientação profissional?

Cremos que só depois de esclarecidas essas perguntas, poderemos estabelecer um juízo crítico fundamentado, para avaliar as diversas realizações que sob nomes distintos e com diversos meios pretendem levar a cabo tarefas de Orientação.

I. O ORIENTADOR

Se bem que os problemas psicológicos sejam tão antigos quanto o próprio homem, todos sabemos quão recente é a Psicologia como disciplina científica e os psicólogos, como profissionais autônomos, apenas agora estão conseguindo alguma consideração nos países mais organizados. Isto fêz com que a Orientação profissional tenha estado em mãos, durante muito tempo, de profissionais afins à psicologia, como médicos, educadores, professôres de diversos ramos etc., e que, na realidade, de perto atuaram como psicólogos.

Atualmente não cabe a menor dúvida de que os que devem fazer Orientação vocacional são os Psicólogos. Isto aparentecente está em contradição com o que foi assinalado antes sôbre o caráter interdisciplinar da atividade orientadora. E é evidente que hoje nenhum profissional, em nenhuma ciência, pode atuar isoladamente, sem pedir constantemente o apoio e o assessoramento de profissionais outros de diferentes campos. Tampouco o psicólogo pode atuar com eficiência, em muitos casos, sem o auxílio do médico, do educador, do sociólogo ou do assistente social etc. para citar apenas as profissões mais próximas. Mas o problema não está em subestimar a colaboração entre profissionais, senão em deslindar responsabilidades e, na verdade, a responsabilidade do processo que define a Orientação de um jovem e que em todos os centros modernos, recai no psicólogo. Há muitas tarefas que são discutíveis ou negáveis ao psicólogo, porém, por sorte, a Orientação profissional não é uma delas. É verdade que, em alguns países, como os Estados Unidos, a Orientação vocacional é realizada por graduados em Universidades. Os títulos de nível superior de caráter geral, como os "Masters of Arts" e "Philosophical Doctors", com especialidade em "Guidance", habilitam para Orientação, simplesmente, com independência dos psicólogos. Isto, porém, é um aspecto resultante da flexibilidade do sistema de educação universitária norte-americana, que facilita a proliferação de especialidades. Se analisarmos currículos e conteúdo das disciplinas dos orientadores norte-americanos, verificaremos que a psicologia com suas técnicas e métodos representa a maior parte de seus estudos e sua formação técnica.

O que se dá, de fato, é que nos centros pequenos o psicólogo assume pràticamente tôdas as responsabilidades e realiza tôdas as etapas do processo de

Orientação. É êle mesmo quem fornece informação profissional e educativa, quem aplica e interpreta os testes, realiza entrevistas de coleta de dados e pròpriamente de aconselhamento. Se o caso requer contatos com futuros estudos ou trabalhos, encaminha-se o orientando, quando assim o considere conveniente, às instituições adequadas. Isso tem algumas vantagens, pois dá unidade e coerência ao processo global, mas é evidentemente antieconômico e exige um domínio de tantas técnicas e conhecimentos que só um psicólogo muito bem preparado pode atingir. Nos centros de trabalho ou departamentos educativos importantes, onde a afluência de jovens seja muito grande, isso não será possível. Daí, serem as tarefas subdivididas, passando o orientando por diferentes seções, onde técnicos com especialização mais limitada, analisem seu problema e elaborem informações sucessivas que, finalmente, se concentram na mão de um psicólogo, que assuma a responsabilidade de interpretar os resultados e elaborar as fases finais, propiciando o encerramento da Orientação. Digamos finalmente que a formação dos Psicólogos que se especializam em Orientação vocacional não é tarefa simples, pelo mero fato de ser a Orientação profissional uma ramo da Psicologia Aplicada. A grande responsabilidade do Psicólogo exige que sua formação seja ampla e profunda. Se alguém fracassa em sua escolha profissional, porque ninguém o tenha orientado é coisa bem triste. Mas, pior, será pretender ajudar a alguém e fazê-lo com ineficiência. Isso será grave porque envolve o perigo de invadir o campo da liberdade humana, não tendo desculpa justificável.

II. O ORIENTANDO

Durante muitos anos se acreditou que a Orientação profissional fôsse uma atividade que se devesse realizar em um período limitado da vida das pessoas: o período em que se deve escolher sua ocupação, trabalho ou estudo. Era entendida, pois, como um remédio adequado para uma crise aguda. Isso mudou muito. Do mesmo modo que, na medicina, se conclui ser melhor prevenir uma enfermidade que curá-la, também na Orientação profissional já se considera deva ser ela um serviço permanente, ao alcance da criança, do adolescente e do adulto, a qualquer momento que dêle necessite. Deve-se evitar justamente nos serviços de Orientação que a escolha profissional seja uma solução súbita para um problema urgente, sem preparação prévia. Êste fato tornou a Orientação profissional em distintos graus, profundidade e objetivos, uma necessidade na escola primária, nos colégios secundários e mesmo na Universidade, pois sua missão é que o jovem vá se preparando paulatinamente para a eleição da carreira ou profissão que deverá exercer um dia. Esta escolha, para ser boa,

deve ser o resultado de lenta aprendizagem. Deve concretizar-se ao longo dos anos, proporcionando-lhe uma série de conhecimentos preparatórios de tipo informativo sôbre o meio social, de trabalho educativo assim como de tipo subjetivo com suas próprias atitudes e deficiências.

A Orientação deve ser feita, sempre em função dêste jovem em formação e desenvolvimento, mas é evidente que seus frutos representarão enorme benefício para a comunidade. O problema da Orientação vocacional apresenta-se a todo aluno, de forma mais cruciante, quando esteja para terminar a escola secundária, ocasião em que o atinge profundamente. É problema que se refletirá nas futuras universidades, no desenvolvimento econômico e social de cada país, e de tôda a vida cultural e material, que o caracterize. As reservas humanas são, em última instância, as depositárias do poder cultural e espiritual. Desperdiçá-las, ou não saber encaminhá-las desde o comêço, significa uma perda irreparável que repercurte em todos os âmbitos da vida social.

Esta ampliação do período em que os jovens são passíveis de Orientação vocacional tem seu problema. É evidente que a maioria dos que comparecem aos serviços de Orientação continuará sendo durante muito tempo adolescente. Pressupõe, portanto, um problema muito delicado, em que se sobrepõem duas crises. Uma típica, do próprio adolescente; e outra, nesta época de menor ajuste emocional, que deverá concretizar o seu futuro profissional como pessoa. Sem dúvida, para evitar o paradoxo dessa eleição no momento menos adequado, torna-se conveniente integrar a Orientação profissional à escola, e esclarecer professôres, alunos e pais para que tomem consciência da responsabilidade que lhes cabe no processo da Orientação.

O problema da escolha, se bem que se dê em todos os indivíduos, não tem em todos as mesmas características. Para certa minoria, a decisão é rápida e segura, sem necessidade de maior deliberação. Para outros, é processo sumamente lento, do qual só saem com ajuda externa. Para outros, enfim, o problema da escolha se apresenta com aspectos tão conflitivos, que faz crer seja apenas um sintoma do mau ajustamento de sua personalidade. Sem dúvida, embora aparentemente a decisão de uns seja fácil e rápida, e a de outros difícil, devemos compreender que em todos é o resultado de um processo lento, que se vem desenvolvendo desde a mais tenra idade, produzindo em alguns um conjunto harmonioso de todos os fatôres determinantes, dos quais o aluno não tem consciência, porque não lhe produz conflitos. Ao passo que em outros essa harmonia não ocorre, razão por que vivem o problema com grande ansiedade, submersos em um caos.

O jovem que elege tem dificuldades, entre outras coisas, porque está muito próximo do problema e outras vêzes por estar fechado em sua individualidade

e lhe ser difícil ver objetivamente as coisas. Precisamente, em nossa civilização tem de realizar a escolha no momento em que enfrentam a crise da puberdade. A escolha vocacional se torna mais difícil, justamente pelo fato de que o jovem a deverá realizar em uma época em que se está descobrindo a si mesmo, em que vivencia sua interioridade acima de tudo. Deve tomar uma decisão em função do mundo que o rodeia, quando tôdas as suas tendências o levam a auto-analisar-se. Sabemos que a passagem da infância para a adolescência significa, em parte, uma transformação total desde o seu nascimento até o descobrimento de suas próprias vivências.

O adolescente sonha, cria um mundo de fantasia. Sua imagem da realidade está repleta de suas próprias vivências. Na escolha da profissão, pode ser levado à grande parcialidade, só vendo o seu ponto de vista. O problema, que sempre expressam os jovens, é o de suas próprias condições; sua instrospecção, decorrente de sua insegurança de adolescentes, lhes faz sentir que hoje lhes agrada uma coisa, amanhã outra e temem enganar-se. Esta labilidade de interêsses que às vêzes, se exprime em mudanças de *hobbies* e todo relêvo nos interêsses (*eu gosto*), e nas atitudes (*para que serve*), faz com que sejam fàcilmente esquecidos outros fatôres de escolha, extrínsecos à pessoa. Além disto, a fim de adequar a realidade às suas fantasias, os adolescentes idealizam as profissões que mais correspondam às suas tendências. Assim, por exemplo, se se sentem humanitários e assistenciais, desejam seguir medicina, só vendo nessa profissão o aspecto idealizado de proteção ao enfêrmo e ao desvalido, esquecendo-se de considerar uma série de fatôres que interferem em tôda profissão e que, sem dúvida, pesam tanto ou mais que a simples preferência. Êsse fato, de colocar em primeiro plano os seus interêsses, é o motivo principal da desorientação dos jovens quando, já no exercício da profissão escolhida tão parcialmente. Defrontam-se com a realidade, que é muito diferente. Se bem que o humanitarismo exista na profissão médica, também existe o conteúdo brutal e desapiedado da dor e da morte, o esfôrço de numerosos anos de estudo, memorização de áridas matérias, o trabalho incômodo em hospitais mal equipados, a competição com milhões de companheiros que possuem outros recursos materiais e espirituais, os quais consideraram ao escolher a profissão. Ao jovem é difícil desprender-se de si mesmo para refletir. Elege para o presente, custando-lhe deter-se na idéia de que para atingir a profissão escolhida, deverão escoar-se cinco ou seis anos, no mínimo. Persistirão até lá seus interêsses e preferências? Além disso, em geral uma escolha deve ser definitiva. Pode ser muito agradável viajar e mudar de ambiente ràpidamente, quando se é jovem, mas estará disposto, aquêle que quis ser oficial da aviação ou da marinha, a abandonar a sua forma de vida de anos, e trocá-la totalmente quando as circunstân-

cias o exijam, convertendo-se em empregado de uma cia. aérea ou em técnico mecânico?

Naturalmente que a época traz seus próprios problemas. Vivemos o começo da época do automatismo. Fábricas que comumente necessitavam milhares de pessoas para funcionar agora reclamam apenas uma dezena. Êsse problema econômico e social de conseqüências imprevisíveis começou, em alguns países, a provocar uma necessidade de reeducadores, que de certo modo são os Orientadores ou melhor *Reorientadores.* É evidente que as técnicas para êsses casos deverão ser muito mais rápidas e profundas, uma vez que se trata, quase sempre, de adultos que vivenciam o problema do fracasso pelo qual não são responsáveis. Não há documentação sôbre o assunto, mas é evidente que a Orientação profissional terá de assumir, nesses casos, um grande papel e devemos estar preparados, pois é impossível deter o desenvolvimento científico e técnico.

Outro problema, que também deverá receber consideração especial e ênfase particular, é a da orientação da mulher. A mulher moderna trabalha quase paralelamente com o homem, estabelecendo uma competição com o colega masculino muitas vêzes injusta para ela e desleal para êle, pois pelo mesmo trabalho usualmente tem de se conformar com salário menor. As conseqüências nefastas de tal prática, nos países onde existam problemas de desemprêgo, incidem mais nos trabalhadores homens. Isso ocorre principalmente nas emprêsas privadas e nas profissões universitárias. Por outro lado, os preconceitos em tôrno da escolha de profissões para a mulher são mais fortes que para o homem e ela raramente recebe, desde a infância, uma preparação e estímulos adequados para uma escolha bem-feita. Assim, há uma percentagem muito pequena de mulheres que atingem as carreiras superiores, o qual constitue, sem dúvida alguma, para os nossos dias, um desperdício absurdo de potencial humano. Os pais acreditam que para a mulher é suficiente uma profissão menor, como secretariado, assistente social etc., pois geralmente se casará e se dedicará aos filhos. Porém, na realidade, estas pessoas tôdas trabalham com salários comperativamente menores que o dos homens e despendem maior número de horas do que suas companheiras que possuem títulos Universitários. Portanto, acabam por dedicar menos horas a seus filhos quando tenham menos preparação, do que quando alcançam nível universitário.

A Orientação vocacional apresenta problemas especiais, quando se trata de grupos humanos com dificuldades específicas em seus órgãos sensoriais, como os cegos, os surdos ou quando existem dificuldades de tipo motriz como nos poliomelíticos ou nos espasmódicos e para os acidentados, os cardíacos ou os débeis mentais. Para êstes grupos, todos com deficiências orgânicas, as técnicas

comuns devem ser modificadas, os testes devem ser adaptados às deficiências e as entrevistas deverão ter caráter totalmente diverso.

III. OS CENTROS DE ORGANIZAÇÃO

Definimos a nossa opinião quanto à responsabilidade de processo, que de fato recai sôbre o psicólogo. Convirá analisar agora qual o local em que se pode realizar melhor essa tarefa. Geralmente os departamentos de Orientação Vocacional, os Institutos Psicotécnicos, os Centros de Orientação Profissional são instituições autônomas, mas com alguns laços com outras instituições educativas, de trabalho ou de higiene mental. Sem dúvida, é evidente que dada a extensão do processo orientador e a variedade de idades e problemas que deve enfrentar, o mais adequado seria que existissem pequenos centros autônomos, dentro das instituições de formação educativa ou técnica, mas com planejamentos distintos, abrangendo tôdas as escolas primárias, secundárias e de formação técnica. Tôda instituição de educação superior ou faculdade pertencente a universidade deveria ser um centro de Orientação com pessoal técnico especializado em Orientação vocacional. Isso facilitaria a organização dos serviços e atualizaria a sua informação, humanizando-os em uma grande parte. A procura dos serviços não seria coisa esporádica a qual só se recorresse quando não se visse solução para o problema vocacional, e sim muito antes, quando a escolha profissional não fôsse conflito urgente. Por outro lado, os psicólogos do serviço poderiam contar com a ficha cumulativa dos alunos e, também, com a opinião e colaboração dos professôres.

Em certa medida o professor é uma pessoa muito indicada para fornecer sua colaboração à Orientação vocacional do adolescente. O ambiente escolar propicia ao adolescente oportunidade de comportar-se de uma maneira, que salvo pequenas diferenças, reflete a sua futura conduta durante o curso de formação profissional e o exercício da profissão. O professor, que seja bom observador, poderá apreciar e comparar o nível de seus alunos, através não só do rendimento que dêem na matéria a seu cargo, mas também da forma pela qual cada aluno chega a um determinado rendimento. Sabe que alunos estudam constantemente e os que não o fazem nunca. Pode pelas reações de seus alunos, saber quais os que, diante do fracasso e esquecimento, se deprimem e se frustram e quais os que não dão a menor importância a isso. Sabe que alunos respondem positivamente a um elogio e quais os que necessitam da severidade para cumprir suas obrigações. O professor observador fàcilmente destaca o estudante emocionalmente estável, que tem a mesma conduta dia a dia, e aquêle que tem conduta oscilante, o tímido, o minucioso e o compulsivo,

aquêle que parece interessado na matéria por ela mesma, e aquêle que estuda para manter a sua classificação. Sabe que aluno faz perguntas e logo se desinteressa pela resposta e qual o que, sem atrever-se a perguntar abertamente, demonstra no seu rendimento que por si mesmo elabora muito material, sabendo interrogar-se a si mesmo e responder por sua própria conta. Um professor que conversa com seus alunos pode saber muito acêrca das atitudes sociais dos mesmos. Sabe qual o aluno mais popular, e por quê. Sabe qual o jovem que prefere a solidão à companhia dos demais, qual requer constantemente a atenção dos demais, o palhaço, o reflexivo, o bom, o generoso e o egoísta da turma. Um professor que sabe observar todos êsses fatos e muitos mais está em condições de poder ajudar de alguma maneira a seus alunos. A escolha vocacional é sempre o resultado da interação de uma série de fatôres pessoais do aluno e extrínsecas do meio social, e familiar, em geral. A decisão do aluno é, em última instância, o momento final de uma elaboração que êle deve fazer por si mesmo ligando fatôres extrínsecos e intrínsecos. Tudo o que se pode fazer em Orientação vocacional, para ajudar a um aluno, é fazê-lo tomar consciência de todos os elementos que interferem e da importância relativa de cada um. Mas a elaboração deve ser ativa e realizada pelo próprio adolescente, através de seus próprios meios e à sua maneira, pois nenhuma receita externa pode substituir êste trabalho pessoal. Nesses centros autônomos, que funcionem porém dentro das escolas, os problemas que implicam em escolha ocupacional, exercício da profissão, estudo das tarefas, poderão ser discutidos a todo momento, individualmente ou em grupo com os alunos, e êstes terão um local muito acessível sem ter de afastar-se dos ambientes habituais. Ali, poderão informar-se objetivamente sôbre as profissões a escolher, as perspectivas sôbre os estudos, poderão conversar com alguém habilitado a esclarecer os conflitos reais ou imaginários, seus interêsses e aptidões, suas preferências ou rejeições, e as motivações conscientes ou inconscientes. A escolha assim se converteria no resultado de uma lenta aprendizagem, habilitando-os a decidir, no momento necessário, reflexivamente e não por impulso momentâneo.

Também os pais compareceriam com menores receios aos centros de Orientação, se êstes funcionassem nas escolas. E não podemos esquecer o papel dos pais na escolha profissional. Os pais vêem o problema vocacional de modo muito diferente que os filhos. Geralmente, por experiência própria, sabem quanto lhes custou obter certas posições e querem orientar bem a seus filhos, evitando-lhes tôdas as dificuldades. "Que mais pode desejar meu filho — pensa um pai precavido — para não precisar lutar e sofrer como eu, para conseguir uma clientela? Se meu filho seguir medicina ou advocacia como eu, se meu filho me suceder no laboratório — pensa um pai químico — já terá a metade

do caminho andado. Todo o esfôrço e a energia que despendi para alcançar minha posição eu lhe transmitirei, tendo apenas de estudar e seguir meus passos." Porém, possìvelmente o filho não tem nenhuma das predisposições do pai, ou só em pensar que não terá de resolver nenhuma dificuldade, ficará no maior desespêro e aborrecimento. E pensa que qualquer coisa é melhor do que seguir as pegadas do pai. Na realidade, se o jovem tem dificuldade para escolher, por estar o problema muito próximo, o pai não é menos subjetivo, pois tem atitudes rígidas e definitivas, fruto de múltiplas frustrações. Se o jovem peca pela sua cosmovisão idealista, o pai peca por sua atitude ultra-realista e materialista. Ao buscar a segurança do filho com fins nobres, na realidade só a entende como segurança econômica, sem deter-se para meditar que a prosperidade econômica é apenas um aspecto da segurança pessoal, que só é alcançada pelo afeto e por tantos outros valôres espirituais e vitais que muito pouco têm a ver com a posição econômica.

A escolha da carreira, como tôdas as escolhas decisivas da vida, o homem deve fazê-la por si mesmo. É precisamente êste defrontar do jovem consigo mesmo e com as circunstâncias, êste tomar consciência de que será êle, em última instância, quem deve decidir, que dará um sentido pleno a escolha, que o fará sentir-se maduro e responsável, e finalmente satisfeito com o que escolher.

Só um processo amplo e contínuo de Orientação de grupo, entrevistas, testes e muita reflexão, poderá conseguir o ideal da concordância entre a pessoa e o trabalho, de tal modo que seja totalmente desnecessária a tarefa desagradável da Seleção profissional. Numa sociedade de bons e numerosos serviços de Orientação, não teria sentido a Seleção profissional, porque cada indivíduo se candidataria apenas para trabalhos em tarefas para as quais reunisse condições necessárias, evitando os dissabores e as frustrações de ser recusado em processo de seleção.

IV. AS TÉCNICAS DE ORIENTAÇÃO

Escapa às possibilidades dêste trabalho, apresentar exaustivamente tôdas as técnicas, meios, recursos e procedimentos utilizados na orientação vocacional. Por outro lado, há sôbre o assunto vasta bibliografia. Nosso interêsse é assinalar as diferenças que podem ser observadas atualmente, atendendo aos pontos clássicos.

Os institutos de psicotécnica do comêço do século se caracterizaram pelo uso e abuso dos testes. A Orientação com poucas exceções se realizava nesses centros com um preenchimento inicial de ficha pessoal e a aplicação de uma

série de testes. Geralmente, envolviam inteligência, aptidões específicas, algum questionário de personalidade e uma conversa final ou entrevista, quando se informava ao orientando os resultados dos testes e se lhe aconselhava, geralmente insistindo nos aspectos negativos. "Não convém que siga isso, aquilo o aquilo outro." Quanto ao resto se deixava a decisão por sua própria conta. Isto é, deixava-se o jovem sòzinho, no momento mais difícil, o da decisão. Em geral, os bons psicólogos evitavam sempre os conselhos diretos, porém não forneciam suficientemente apoio ao jovem para a decisão. Isso acontecia porque se considerava a Orientação com um processo breve, que se realizava em determinado momento, e ali mesmo se concluía.

Se em troca, entendermos a orientação como um processo amplo, como uma apredizagem, que deve prestar apoio ao jovem e capacitá-lo para que êle mesmo possa tomar uma decisão reflexiva sôbre seu futuro, a perspectiva muda completamente.

Atualmente, não se deprecia de forma alguma, o papel do exame psicológico (aplicação e interpretação de provas) considera-se, porém, a Orientação muito mais que isso. Ela deve abranger um processo de informação do ambiente sócio-econômico, educativo, ocupacional, de oferta e procura, oportunidades futuras, pois não se pode escolher o que não se conheça.

Isso exige uma elaboração prévia de dados estatísticos atualizados, por exemplo dos fatos socio-econômicos etc., elaboração de monografias profissionais e descrição das tarefas e ocupações.

Em segundo lugar, a Orientação impõe por si mesma um autoconhecimento dos interêsses, aptidões e motivações etc., que configuram em sua plenitude, maturidade no exercício de *uma vocação*. Aí, sim, há lugar para os testes e exames psicológicos. E, em terceiro lugar, o processo de Orientação supõe a possibilidade de ressonância afetiva com *o outro* que é psicólogo, que o ouve, o atende e se comunica com êle, para ajudá-lo a expressar o que de algum modo está vivenciando, mas não consegue explicar nem aos país, nem aos professôres, ou companheiros. Êsse é o papel principal da *entrevista de Orientação.*

Êsse moderno conceito da Orientação, como processo amplo, tem também a vantagem de permitir que novas técnicas a êle se incorporem.

Por exemplo, para os gabinetes escolares possibilita às turmas, informação sôbre as diferentes profissões, a organização de visitas a centros de trabalho, fábricas, hospitais, laboratórios etc., que permitem aos jovens irem assimilando, com o devido tempo, os conhecimentos, e fazer uma idéia exata e não falsamente idealizada das distintas tarefas de uma profissão qualquer e seu exercício. Para

a descoberta de suas próprias motivações, as reuniões de alunos, usando-se técnicas de grupos operacionais, permitirá a Orientação simultânea de vários jovens. O psicólogo pode ampliar sua esfera de ação a dez ou doze jovens de cada vez, com o mesmo tempo que dedicaria a um só. Naturalmente que isso implica tanto em facilidade como em dificuldade, pois algumas vêzes é difícil separar quando o grupo operacional passa da consideração de problemas de Orientação a problemas mais profundos de personalidade, que pertencem ao campo da psicoterapia. Isso, na realidade, se soluciona quando o centro possua estreita conexão com centros psiquiátricos, para onde possa encaminhar os grupos ou os indivíduos que apresentem sintomas definitivamente patológicos, em suas motivações vocacionais.

V. VALOR SOCIAL DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Desde a antiguidade se reconhece a importância social do fato de cada um desempenhar seu trabalho com a maior eficiência possível. Já Platão o expressava de forma clara em sua *Leis*: "Ninguém seja fundidor e carpinteiro, porque dois ofícios ou profissões não podem ser desempenhados adequadamente", e Huarte, em 1575 escrevia "para que as obras dos artífices tenham a perfeição conveniente... parece-me que deverá ser estabelecida uma lei... (para) que cada um treine só aquela arte para a qual tenha talento natural e abandone as demais".

Mas, se isso já era assim em sociedades menos complexas e evoluídas que a de nossos dias, como não será agora, com a proliferação de profissões, aumento demográfico, entrada da mulher no mundo do trabalho, aumento sensível do tempo útil do homem para o trabalho, maior concorrência na oferta e na procura e alarmante processo de desemprêgo resultante da automatização da indústria moderna? Torna-se evidente e cada vez mais a necessidade de preparar mais e melhor os jovens e de informá-los adequadamente para que com sua má escolha não desequilibrem, anda mais, a balança da oferta e procura. É evidente que muitas energias humanas são desperdiçadas. Em nosso país de uma população escolar primária de aproximadamente 3 000 000 de crianças (em cifras redondas), apenas 800 000 recebem educação secundária (isto é, 20%) e só 160 000 atingem o ensino superior (Universidades e Professorado), isto é, 5% do que receberam a educação primária. Êsse número é muito baixo, principalmente para um país em desenvolvimento que necessita de técnicos e onde as Universidade Nacionais são gratuitas. Comparando alguns países, dos quais possuímos dados, como os Estados Unidos, verificamos que 30% dos seus alunos de curso primário vão para o Secundário ou para a Universidade; na França

a percentagem é de 12% e o Canadá de 10%. As conseqüências econômicas, políticas e sociais dêsse fato não cremos que necessitem de muitos comentários. A Orientação vocacional não o pode modificar repentinamente, mas é evidente que uma boa Orientação e maior difusão da informação educativa concorrerá, desde o começo, para ampliar o horizonte dos educandos e produzir uma maior quantidade de escolhas em campos para os quais haja muita procura, sendo pouco difundido a formação.

Para terminar quero insistir sôbre algo que é freqüentemente esquecido. Muitos crêem que a Orientação vocacional de um aluno é um processo rápido que se pode atingir de imediato. Alguns crêem que para orientar alguém basta a aplicação e interpretação de alguns testes de aptidões e interêsses. Nada mais errôneo. A informação, a entrevista, os testes são todos recursos que podem ajudar. Mas nenhum jovem pode decidir algo tão importante como a escolha de sua profissão da noite para o dia. Pelo contrário. A escolha da carreira é apenas o momento final de um processo lento, sumamente amplo e trabalhoso, que implica, como tudo que é baseado em um ser biológico, em *maturação*. Sòmente deve escolher o jovem que está maduro para fazê-lo. A escola, os professôres e os pais devem colaborar a fim de que esta maturidade emocional e intelectual necessária à escolha, baseada na reflexão e não em fôrças cegas ou inconscientes, seja obtida durante o transcurso da escolaridade.

Dêsse modo, quando o jovem precise escolher, não se desencadeará o conflito. A escolha deve ser preferentemente um ponto de partida natural para se iniciar com segurança e alegria a árdua tarefa que representa sempre um currículo de formação profissional e a aprendizagem de uma profissão universitária, exercida com plenitude.

SUMMARY

This is a general presentation on the modern approach to Vocational Guindance. Guidance is considered in the article as a process of learning and maturation which takes long to be achieved. In the process, the subjective factors as aptitudes and interests take an important part but there is also a lar influence by the information and socioeconomical factors.

It is considered that the counsellor has to be the psychologist but always having an interdisciplinary approach. The counseled for many years would be the adolescent which involves special problems. Also has to be taken into consideration the guidance of the handicaped, somatically or mentally. The problem of the guidance of the girls is also considered specially. The guidance would have probably much influence in the reeducation of the people left off from work because the advance of atomation.

Guidance has to be a process done in autonomous centers but into the schools in all its levels, primary schools, secondary schools, techinical schools, and at the university.

Thus it would profit by the contact with parents and teachers that have a large influence in the professional election of the youngsters.

Regardin the means and techniques of the process of Vocational Guidance it is considered that the new perspectives may much attention to the information and to the interview and at the same time the importance given some years ago to the testing procedures has diminisheddits importance. Testing has a part in the process but the new techiniques as information classes and operative groups are the leading approach.

In regard to the social importance of Vocational Guindance it is considered one of the main tools to suppress schooling drop out at all levels and also one of the means to balance the presure of our demanding world.

* * *

Para aquellos interesados en ampliar conocimientos generales sobre Orientación Profesional damos una lista de las obras ya clásicas más importantes y de algunas revistas y publicaciones periódicas especializadas.

BAUMGARTEN F. La Psychotechnique dans le monde moderne (Compte rendu du IX Congrés International de Psychotechnique, Berne, 1949). Presses Universitaires de France.

BAUMGARTEN F. Exámenes de Aptitud Profesional. Teoría y Práctica. Ed. Labor 1957.

BINGHAM, W. Aptitudes and Aptitude Testing. Harper and Brothers, 1937. N. York.

BINGHAM, W. Haw to interview. Harper and Brothers 1941. Nueva York.

BUROS, O. K. editor. Mental Meassurements Yearbooks (Existen varios volúmenes, siendo los mas importantes el tercero, cuarto y quinto). Publicados por Rudgers University Press. 1953.

ERIKSON. The Counseling Interview. Nueva York Prentice Hall Inc. 1950.

GRAY, J. S. Psychology in Idustry. 1952. McGraw Hill Books Co. Nueva York.

GREENLEAF. Occupations and Carcers. McGraw Hill Books. Co. Inc. 1955.

HOPPOCK, R. Group Guidance Principles Techniques and Evaluation. McGraw Hill Books Co. Nueva York. 1949.

DORCUS, JONES. Handbook of Empleyee Selection, McGraw Hill.

MEILI, R. Psychologie de l'Orientation Professionnelle, Mont Blanc. Ginebra. 1948.

MIRA Y LOPEZ, E. Manuel de Orientación Profesional. Ed. Kapeluz. Bs. As. 1957.

MÜSTERBERG, H. Psychologie un Wirtschaftsleben. Leipzig. 1912.

STRANG, R. Counseling Techniques in College and Secondary School. Harper and Brothers. Nueva York. 1949.

TAVELLA, N. M. La Orientación Vocacional en la Escuela Secundaria. EUDEBA. 1963.

ROGERS, C. Counseling and Psychoterapy. Boston Houghton and Mifflin Co. 1942.

TAYLOR, F. W. The Principles of Scientific Management. Nueva York. 1911.

WALTER, L. La Psychologie du Travail. Ginebra. 1946.

TRAULER, A. Techniques of Guidance. Harper Brothers. Nueva York. 1945.

WILLIAMSON, E. G. Counseling Adolescents. McGraw Hill. 1950.

— Classificación Internacional Uniforme de Ocupaciones. Oficina Internacional del Trabajo. Ginebra. 1958.

— Informations Universitaires et Professionnelles internationales. Organe de l'Association Internationale d'Information Scolaire et Professionnelle. 29 Rue d'Ulm. Paris Ve. Francia.

— Binop, Bulletin de l'Institut National d'etude du travail et d'orientation professionnelle. 41 Rue Gay Lussac. Paris. Francia.

— The Personnel and Guidance Journal. Publicado por la "American Personnel and Guidance Association Inc." 1605. New Hamshire Avenue. N. W. Washington 9. D.C. EE.UU.

— U. S. Department of Labor. Dictionary of Occupational Titles.

— Studies in Personnel Policy. National Industrial Conferencia Board. Londres, Inglaterra.

— Occupational Psychology (publicado por el National Institute of Industrial Psychology Aldwych House W.C. 2, Londres).

— Human Relations publicado por el Research Center for Group Dynamics, Cambridge. Massachusets.

— Journal of Applied Psychology (USA).

— Bulletin du C.E.R.P. (Bulletin d'Etudes el Recherches Psychologiques). Publicado por el Centre National de la Recherche Scientifique, 13, rue Paul Chautard. Paris 15e. Francia.

REVUE DE PSYCHOLOGIE APPLIQUÉE

Publicação trimestral

Diretores: Dr. P. Pichot e P. Rennes

Essa Revista é destinada tanto aos clínicos (psicólogos ou psiquiatras) como aos psicotécnicos (orientadores, psicólogos profissionais). Duas seções orientam-se para a aplicação: — «Técnicas e métodos da psicologia das profissões» e «Técnicas e métodos da psicologia clínica». As referidas seções têm por finalidade expor sob uma forma precisa e concreta as técnicas fundamentais, esclarecer pontos duvidosos, apresentar, mesmo sob forma de «memorandum», os métodos práticos de conduta nas aplicações; são suplementadas pelas revistas gerais, que permitem focalizar o alvo das pesquisas nos domínios que interessam diretamente à aplicação. Sob o título «Travaux originaux», têm lugar os estudos de ordem geral.

As outras seções, «Chroniques et Documentation» e «Analyses», fornecem, tanto no plano técnico como no profissional, um quadro da vida cotidiana em psicologia aplicada.

•

Redação e administração:
Editions du Centre de Psychologie Appliquée
Square Jouvenet — PARIS (16e) — France

•

Preço: Assinatura anual: França, 15 F. — Estrangeiro 18 F.
Número atrasado ou avulso, a pedido, a preço especial.

•

Distribuidores para o Brasil:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOTÉCNICA
Rua da Candelária, 6-3.º andar — Rio de Janeiro — Brasil